

TEMPO DE RECORDAR

“Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se ele não for capaz de sair das determinações atuais. Apurada reflexão pode preceder e acompanhar a evocação. Uma lembrança é diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição.”
(Ecléa Bosi, 1987).

Neste número da Travessia debruçamo-nos sobre o diamante ainda bruto da memória dos migrantes. Como todo diamante, a memória só pode causar admiração pela sua beleza. A exemplo dos diamantes ainda brutos, ela possui uma riqueza que é difícil de avaliar. Por isso, como nos lembra Ecléa Bosi, essa memória preciosa como um diamante precisa ser lapidada pelo esforço acurado do espírito. É o que se percebe nos diversos trabalhos expostos neste número.

Primeiro, o trabalho da escuta, que admira e contempla esses relatos cheios de vida. Depois, ainda na escuta, começa-se a admirar esse trabalho de reelaboração feito pelos próprios migrantes que retraçam suas trajetórias de vida. No entanto, para além da escuta, na busca de entender o mundo do migrante, e o modo como o migrante entende o seu mundo, o pesquisador procura descobrir os laços sociais e as determinações que a própria consciência do migrante não consegue descobrir. Busca-se ainda perceber como o migrante, tomando consciência do valor e do poder de sua memória, redimensiona sua vida pessoal e coletiva. Eis aí um segundo trabalho de reelaboração, desta vez do cientista social, numa tentativa de explorar a rica mina da memória dos migrantes. Um trabalho um tanto mais desafiador que implica um respeito visceral pela condição de vida dos migrantes. Pois a memória do migrante é sempre diamante, mas um diamante delicado, eivado pelas dores, esperanças, dúvidas, alegrias e lutas de muitas vidas cruzadas.

Assim, admirar e explorar esse diamante exige, seja do pesquisador que escreve, seja do leitor descuidado que lerá esses artigos, um respeito radical pela vida do “outro”, do migrante. Porque, na verdade, não existe nada mais precioso do que a vida, essa “vida” que nos é relatada, e que supera o nosso entendimento!

Sidnei Marco Dornelas